



## PROPAGAGÕES MICROPOLÍTICAS DO SILÊNCIO NAS ARTES VISUAIS.

ANA CLAUDIA SAFONS SOARES<sup>1</sup>;  
CLAUDIO TAROUCO DE AZEVEDO<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [acsafons@hotmail.com](mailto:acsafons@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Rio Grande – [claudiohifi@yahoo.com.br](mailto:claudiohifi@yahoo.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte da pesquisa que se inicia no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa Educação em Artes e Processos de Formação Estética, cujo tema explorado é o silêncio e seus possíveis significados como matéria de criação de mecanismos micropolíticos de construção dos processos de subjetivação.

O trabalho com Micropolítica através da Arte surge da percepção das pequenas revoluções cotidianas, que provam que a existência é, fundamentalmente, um movimento de resistência. A chamada “revolução molecular” (Guattari, 1981) - uma revolução que se faz todo dia, nas pequenas coisas. Pequenas revoluções permanentes, que vão produzindo novos fluxos de desejo e de ações, novas possibilidades de ser, de sentir, de pensar, de agir. Como uma pedra jogada na superfície de um lago, cuja perturbação na água causada pelo impacto da pedra, causará um movimento de ondas que se propagam.

A construção dos processos de subjetivação entendidos como as “revoluções moleculares” que, para Guattari e Rolnik são processos de diferenciação permanente que permitem o deslocamento da subjetividade por forças externas ao sujeito, também presentes nas manifestações culturais.

O contorno de uma subjetividade delinea-se a partir de uma composição singular de forças, um certo mapa de sensações. A cada novo universo que se incorpora, novas sensações entram em cena e um novo mapa de relações se estabelece, sem que mude necessariamente a figura através da qual a subjetividade se reconhece. Contudo, à medida em que mudanças deste tipo acumulam-se, pode tornar-se excessiva a tensão entre as duas faces da subjetividade - a sensível e a formal. Neste caso, a figura em vigor perde sentido, desestabiliza-se: um limiar de suportabilidade é ultrapassado. A subjetividade tende então a ser tomada por uma inquietude que a impele a tornar-se outra, de modo a dar consistência existencial para sua nova realidade sensível (ROLNIK, 1999, p. 206).

Ao começar a pesquisar sobre o tema, uma inquietação toma conta ao verificar uma tendência em atribuir uma significação a palavra – atribuição de um valor. Isso enfatizou ainda mais o desejo de trabalhar o silêncio para que possamos compreender os seus sentidos. Fazer uma distinção clara e objetiva de que a pesquisa não é sobre o silenciamento, pois este já é uma das consequências do silêncio – não é silêncio mas por em silêncio (ORLANDI, 2007). Procurar conceber o silêncio como um espaço de significação, conhecimento do mundo e de criação.

O silêncio nunca é apenas ausência física de som, mas também presença de sentido. Mas, com sentidos diversos e, muitas vezes, devastadores: o silêncio que remete a censura (prudência, cautela, respeito); o silêncio que se faz por não ter/saber o que falar ou o que se recusa a falar; silêncio como signo de

sabedoria/doenças mentais; silêncio como signo de virtude/ausência de virtude=caráter; silêncio como signo de sensibilidade/insensibilidade; silêncio como signo de força=poder/impotência; silêncio do bloqueio e do indizível; silêncio da mudez/surdez; infinitos silêncios que se cruzam e se entrecruzam.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia de trabalho utilizada será o método cartográfico. Através do mapeamento de algumas produções artísticas contemporâneas e referencial teórico que tratam sobre o tema, somados a produções artísticas e as inserções sociais nos processos educativos realizados através de práticas a serem realizadas junto a uma escola da rede municipal de ensino, no meio rural, na cidade de Pelotas (RS).

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisarmos os múltiplos significados dos silêncios presentes na sociedade, surgem reflexões diante do que se entende por silêncio, exigindo que nossa percepção seja mais atenta a fim de que haja uma maior acuidade na observação de suas nuances.

Artistas contemporâneos trazem o tema silêncio em suas obras, como Marina Abramovic<sup>1</sup>, Anselm Kiefer<sup>2</sup> e, Frans Krajcberg<sup>3</sup>. Obras que ajudam a pensar em estratégias micropolíticas para ações artísticas e pedagógicas a serem desenvolvidas.



Imagem 1: “*The Artist is present*”, Performance, Marina Abramovic (2010)

Foto: Culture Trip, acessado em 20/09.2020

Nesta obra performática, a artista sentava-se silenciosamente em uma cadeira, de frente para uma segunda cadeira vazia. Os visitantes do MoMA (Museu de arte moderna de Nova Iorque/EUA) sentavam à sua frente compartilhando um minuto de silêncio a cada um. Gerou um Tumblr<sup>4</sup> chamado “Marina Abramovic Made me Cry”, registrando o objetivo da performance: tocar as pessoas.



Imagem 2: “*Home*”, pintura óleo sobre tela. Anselm Kiefer

Foto: encurtador.com.br/cg1p1

Na obra de Anselm Kiefer, o artista trabalha com a convicção de que a arte pode curar uma nação traumatizada e um mundo dividido. Criou pinturas em

<sup>1</sup> Marina Abramovic (1946/-) – artista performática servo-croata.

<sup>2</sup> Anselm Kiefer (1945/-) – pintor e escultor alemão.

<sup>3</sup> Frans Krajcberg (1921/2017) - escultor, pintor, gravador e fotógrafo polonês, naturalizado brasileiro.

<sup>4</sup> É uma rede social onde são compartilhadas fotos, textos, fotografias

grandes telas que mobilizaram a história da cultura alemã reunindo o passado e as questões éticas do presente, tentando desenterrar o tabu alemão sobre o holocausto. Ele cria pinturas texturizadas de paisagens estéreis, campos e florestas sombrias, que evocam cenas de campos de concentração e fazem alusão à natureza destruída da Alemanha pós-guerra. Seu trabalho incorpora plantas, palha, chumbo e outros materiais.

Já floresta queimada de Krajcberg, instalada no andar térreo da 32ª Bienal de S.P., contrastava com a natureza viva exuberante do espaço exterior da amostra. Suas obras são constituídas, em sua maioria, de resquícios da destruição da floresta Amazônica, através de seus troncos calcinados transformados em esculturas.



Imagem 3: Três conjuntos de esculturas – apelidadas de Gordinhos, Bailarinas e Coqueiros, Franz Krajcberg (2019)

Foto: <http://www.32bienal.org.br/en/participants/o/2642>

Nas três obras apresentadas, cada uma com sua linguagem artística, podemos perceber os sentidos diversos do silêncio: o silêncio nas relações humanas, o silêncio e a história e o silêncio e a natureza da qual somos parte.

Percebemos que os aspectos econômicos, políticos e culturais interagem com a Arte, fazendo com que sentimos a potencialidade de transformação, ao operar com os conceitos de Ecosofia de Félix Guattari (2015) – ao realizar uma articulação ético-política entre os registros ambiental, social e da subjetividade. Indo em busca de uma instauração de novos modos de valoração da vida. Perspectiva experimental e ecosófica, voltada para a criação de modos outros de agir, de sentir, de pensar, de se relacionar.

Isso requer um estar atento para o que se passa ao nosso redor. “Não basta o silêncio de fora. É preciso silêncio dentro. Ausência de pensamentos. E aí, quando se faz o silêncio dentro, a gente começa a ouvir coisas que não ouvia.” (ALVES, 1999, p. 65).

Berardi (2014) também nos fala do caos contemporâneo, construindo seu pensamento através de Guattari<sup>5</sup>, Hölderlin<sup>6</sup> e Han<sup>7</sup>. Fala em ritmo e em caos, sendo ritmo o que se refere não só ao que ouvimos, mas às vibrações do mundo. Mas o que são as “vibrações do mundo”? O que está contido nesses “ruídos”, já que as falas são inaudíveis?

A soberania política era o som que a lei fazia ao silenciar o ruído do ambiente social. Em nossa sociedade conectiva pós-industrial de hoje, o oposto é verdadeiro: o poder não é mais construído pelo emudecimento da multidão (como, por exemplo, pelo uso da censura, da grande mídia ou da solenidade do discurso político), mas tem como base a intensificação desenfreada do barulho. A significação social já não é mais um sistema de trocas e de decodificação de significantes, e sim a saturação de mentes que

<sup>5</sup> Félix Guattari (1939/1992) – filósofo, psicanalista e militante revolucionário francês.

<sup>6</sup> Friedrich Hölderlin (1770/1843) – filósofo, poeta lírico e romancista alemão.

<sup>7</sup> Byung-Chul Han (1959/-) – filósofo e ensaísta sul-coreano, professor da Universidade de Artes de Berlim.

ouvem – um hiperestímulo neural. Enquanto o poder político de ontem costumava ser concretizado por uma voz que proclamava a lei em meio ao silêncio da multidão, o poder pós-político contemporâneo é a função estatística que emerge do ruído da multidão (BERARDI, 2018, p. 145).

Assim, a necessidade de pausarmos. A pausa compreendida como aquela que está entre as notas musicais, como no suspiro necessário para que possamos ouvir as vozes inaudíveis. A necessidade de trabalharmos a experiência estética nos espaços educativos, para que possamos estimular a que todos tenham uma percepção com maior acuidade.

#### 4. CONCLUSÕES

O mundo está vivendo uma grande pandemia que levou ao distanciamento social das pessoas. Um impedimento físico decorrente da orientação da Organização Mundial da Saúde – OMS, para que todos fiquem reclusos em suas casas. Novos comportamentos estão surgindo, vidas estão sendo reinventadas e outras tantas perdas. Uma sociedade em transformação.

A grande dificuldade frente à pandemia enfrentada, é traçar um perfil sociológico deste ser que surge pós pandemia, pois estamos vivenciando um momento único registrado mundialmente. Sabemos que o retorno a “normalidade” não se dará de forma habitual. O impacto causado trará grandes transformações sociais, visto que a pandemia gera perda de vidas, forte crise na saúde, levando ao medo, insegurança, evidenciando contrastes sociais de miséria, registrando uma recessão econômica mundial.

O ato de perceber essas transformações implica em uma ação ativa capaz de transformar o que é visto, havendo uma relação entre o sujeito e o mundo em que não só podemos afetar o que percebemos, como também podemos ser afetados pelo percebido.

Havendo, assim, uma necessidade de se pôr em silêncio para que possamos refletir e reagir sobre o que se passa a nossa volta.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. **O amor que acende a lua**. São Paulo: Editora Papirus, 1999.
- BERARDI, F. *Asfixia. Capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem*. Ubu Editora, 2020.
- GUATTARI, F. **As Três Ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 2015.
- \_\_\_\_\_. - **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 2012.
- \_\_\_\_\_. - **Revolução Molecular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.
- ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Unicamp, 2007.
- ROLNIK, S. **Novas figuras do caos: mutações da subjetividade contemporânea**. In: *Caos e Ordem na Filosofia e nas Ciências*. SANTAELLA, Lucia; VIEIRA, Jorge Albuquerque (Orgs.). Face e Fapesp: São Paulo, 1999, p. 206-221.
- SHAFER, R M. **A afinação do Mundo**. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- \_\_\_\_\_. - **O ouvido Pensante**. 2ª ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.
- SITES:
- KRAJCBERG- <https://krajcberg.blogspot.com/>, acessado em 19/09/2020